

JAMES H. WINCHESTER

“Estamos a um passo das cataratas!”



Vítimas de uma série de acidentes, dez pessoas tiveram suas vidas em perigo a poucos metros do abismo do Niágara

PRIMEIRO domingo de outubro de 1973. Milhares de turistas afluíam às margens das Cataratas do Niágara, tanto do lado canadense como do norte-americano. Na extremidade oriental de Goat Island, na margem americana do Rio Niágara, Bill Faust se encontrava na bilheteira do heliporto da

empresa turística Prior Aviation. Algumas centenas de metros abaixo, uma torrente de água com um caudal de três mil metros cúbicos por segundo se despenhava de uma altura de 49 metros sobre as quedas de Horseshoe e as do lado norte-americano. Tinha sido um dia de muito movimento, e o helicóptero, com capacidade para apenas três passageiros, estava um pouco afastado dali, reabastecendo-se no Aeroporto das Cataratas do Niágara.

Olhando por acaso para a margem canadense, Faust ficou petrificado. No meio do rio, já envolto pela neblina que subia das cataratas, um

barquinho ia sendo arrastado para a embocadura das Quedas de Horseshoe. Bill pensou logo: *Meu Deus! Nada pode evitar que ele seja engolido pelo abismo!*

À beira do inferno. Havia quatro pessoas no barco. À proa, iam Lee Sweitzer, de Buffalo, e Jo Ann Horn, de Tonawanda, ambos de 21 anos, com seu filhinho Michael, de 18 meses. Jerry Land, de 20 anos, também de Buffalo, ia ao leme do motor de popa.

Ignorando absolutamente os perigos daquele trecho do rio, os ocupantes do barquinho haviam saído de Buffalo duas horas antes, encantados com as perspectivas de um lindo passeio fluvial. Ao descerem o rio, na lancha de quatro metros e meio que haviam pedido emprestada à mãe de Jerry, nem se aperceberam do aviso em letras bem grandes, a cinco quilômetros das cataratas, que anunciava ser proibida a navegação a qualquer tipo de barcos para além daquela zona.

Entre Goat Island e o Canadá, o Rio Niágara tem apenas cerca de um metro de profundidade na maior parte do percurso, mas o leito está cheio de enormes calhaus, e o curso dágua é uma contínua seqüência de corredeiras impetuosas. A lancha estava a menos de 800 metros das Quedas de Horseshoe quando as pás da hélice bateram num calhau fazendo com que esta se desprendesse do eixo. «Estou sem rumo! Sem rumo!», gritou Jerry. Nisto, ouvindo o rugido das águas se despencando no abismo, berrou apavorado: «Estamos a

um passo das cataratas!» Tentou rumar na direção de Goat Island, que ficava uns 100 metros à direita, mas a lancha já tinha sido apanhada pela violenta correnteza, que fluía a 30 quilômetros por hora.

O bebê Michael era o único com colete salva-vidas. Seus pais e Jerry deitaram-no dentro da lancha e pularam para o rio. Com água pela cintura, lutaram desesperadamente para segurar o barco e não deixar que a correnteza o arrastasse. Era impossível. As pedras do leito do rio, lisas como vidro, não lhes permitiam fixar os pés no fundo. A violenta força da correnteza arrastava Jo Ann e Lee, que se viram obrigados a largar o barco das mãos. Jo gritou alucinada: «O bebê!»

Jerry ainda continuava agarrado ao barco, mas este seguia desgovernado em direção ao precipício. Com grande esforço, conseguiu pegar o bebê pelo colete salva-vidas e retirá-lo do barco. Segurando-o bem alto sobre a cabeça, Jerry tentava fixar os pés no fundo. Jo Ann e Lee só conseguiram pôr-se em pé uns 50 metros mais adiante. Ali ficaram agarrados um ao outro, procurando a todo o custo manter o equilíbrio.

Fogo na água. Às 3:33 da tarde, alertado por uma chamada telefônica, o pessoal da Polícia do Parque Nacional da Fronteira do Niágara informou pelo rádio que uma embarcação tinha sido avistada ao largo da extremidade oriental de Goat Island. Com a sirene tocando, o guarda James MacNeil dirigiu a radiopatrulha até o extremo da ilha, chegando

ali em menos de dois minutos. Uma equipe de três guardas florestais seguiu atrás dele. Sem nada poderem fazer, viram a lancha pular para o abismo das Quedas de Horseshoe, despedaçando-se lá embaixo contra as rochas, num turbilhão de águas revoltas. «Diante de mim», relembra MacNeil, «estavam os ocupantes da lancha. A moça continuava cambaleando, enquanto um homem a segurava para que não fosse arrastada. O jovem com o bebê nos braços estava mais perto — talvez a uns 100 metros.»

Amarrando em volta da cintura a ponta de um cordão de *nylon* que três guardas iam desenrolando de uma bobina, MacNeil se atirou à água e caminhou na direção dos naufragos. Nem mesmo ele, que era homem forte e pesava talvez quase 100 quilos, conseguia se manter de pé no ímpeto da correnteza. Diversas vezes os pés lhe escorregaram, até que finalmente teve que ser rebocado para terra.

Nesse momento, os guardas viram o helicóptero de turismo se aproximando de sua plataforma de pouso, a cerca de 100 metros. Furando a multidão que tinha se aglomerado, MacNeil e o sargento Joseph Boyd correram para o heliporto e, gritando, explicaram ao piloto Dale Hartman o que se passava. Hartman, antigo piloto de helicóptero no Vietnã, manteve o aparelho com o rotor funcionando, enquanto MacNeil e Boyd retiraram dos gonzos a porta do lado direito e saltaram para dentro da pequena cabina. Hartman decolou.

Sentado na abertura da porta, MacNeil apoiou os pés no trem de pouso, enquanto Boyd o segurava, por trás, pelo cinto.

Quando o helicóptero pairou sobre Jerry Land e o bebê Michael, MacNeil se debruçou para agarrar o colete salva-vidas do bebê. Por cima do ombro, passou o menino para Boyd. «Já está comigo!», gritou Boyd para o piloto Hartman. «Pode subir!»

Ao ver o helicóptero se elevando no espaço (e sem saber que o aparelho não tinha capacidade para transportar mais pessoas), Jerry Land, tomado de pânico, se pendurou no trem de pouso. Agarrou-se com firmeza e, por alguns momentos, pensou que iria se livrar da fúria das águas. Sentindo o aparelho inclinado com o peso de Jerry, o piloto tentou rapidamente compensar o desequilíbrio, acionando os controles. Era tarde demais. O helicóptero guinou com o peso extra, e uma das pás do rotor, batendo na água, se quebrou.

Despencando-se, o aparelho caiu no rio com tal violência que os tanques de combustível, reabastecidos pouco antes, se romperam. A gasolina rapidamente se espalhou em todas as direções, atingindo o tubo de escape em brasa e provocando uma explosão que deflagrou violento incêndio.

«Foi um milagre!» Jo Ann nunca havia estado em situação tão desesperada. *Meu filhinho morreu, com certeza!*, pensou ela, ao ser arrastada mais uns 15 metros na direção das cataratas, sem que Lee pudesse fazer nada para mantê-la em pé.

Quando o helicóptero explodiu, Land se despreendeu do trem de pouso e caiu desamparado dentro d'água. Semi-inconsciente, o piloto Hartman pendeu para frente, preso pelo cinto e apoiado nos protetores de ombros. MacNeil, quando deu por ele, estava «de rosto para baixo no fundo do rio, sendo arrastado pela correnteza». Assim que conseguiu vir à superfície, constatou que tinha emergido bem no meio de um lençol de gasolina em chamas com uns 15 metros de extensão. Apanhado no meio das labaredas, com um braço quase imobilizado por ter batido em algum lugar, e com as sobrancelhas e cabelos chamuscados, MacNeil mergulhou outra vez.

O sargento Boyd, com o bebê nos braços, também tinha sido projetado dentro das chamas. «Eu dava voltas e mais voltas», relatou Boyd, homem de mais de um metro e noventa e pesando 90 quilos. «Quando notei que já não tinha o bebê nos braços, foi o pior momento da minha vida!»

MacNeil voltou à superfície uns metros mais abaixo, agora já livre das chamas. Subitamente, viu algo de um tom vermelho-vivo boiando rio abaixo — era o colete salva-vidas, com o bebê, de rosto para cima, enrolado nele. Numa reação puramente instintiva, MacNeil pulou e segurou Michael. «Consegui agarrá-lo por um pé», disse ele mais tarde. «Graças a Deus, peguei-o. Foi um milagre!»

A mancha de gasolina em chamas deslocava-se rapidamente em direção a Jo Ann e Lee. «Pensei que as labaredas iriam envolver-nos», recorda

Jo, horrorizada. Felizmente, passaram a certa distância. Momentos após, a gasolina inflamada se aproximava de MacNeil, que lutava para se manter em pé com Michael nos braços.

Os destroços do helicóptero jaziam no leito do rio, gingando com o ímpeto da correnteza. Parte da cabina esférica envidraçada ficou fora d'água. Hartman desamarrou o cinto, saindo meio apatetado, com um ferimento na cabeça que sangrava bastante. Boyd estava a uns 20 metros, e Land um pouco mais para lá. Bem afastados deles, Jo Ann e Lee lutavam em vão para vencer a fúria das águas. Mais para baixo, MacNeil conservava o bebê estreitamente apertado contra si. «Eu não me atrevia a mover os pés», contou ele depois. «Estava com eles metidos na fenda de uma rocha.»

O cabo quebrou. Eram 3:45 da tarde. Ouvia-se o frenético lamento das sirenes dos carros de bombeiros e de radiopatrulha que corriam para o local. Do lado canadense, nas instalações de controle do Departamento de Energia do Estado de Nova York e da Ontario Hydro Corporation (que funcionam conjuntamente), o supervisor de plantão, Ray Willis, observava de binóculo. Acordos feitos entre os governos norte-americano e canadense estipulam qual o volume d'água que cada um dos países pode retirar do Rio Niágara, a montante das cataratas, para produção de energia hidrelétrica. Qualquer retirada suplementar de água necessita da aprovação de ambos os países. Willis tinha conhecimento dessa lei, mas também sabia que aquelas pessoas

que se debatiam contra a correnteza teriam menos riscos de ser tragadas pelas cataratas se fosse possível baixar o nível da água. Foi essa a decisão que tomou. Abrindo uma série de comportas, fez baixar a altura das águas a cerca de um terço.

Assim, foi mais fácil para Boyd e Land voltarem até o helicóptero. Dentro deste, Boyd encontrou um bom pedaço de corda. Amarrou uma extremidade aos destroços do helicóptero, e jogou a corda na água em direção a MacNeil. Este conseguiu alcançá-la e, arrastando-se pelo rio, agarrado à corda, chegou ao helicóptero trazendo Michael consigo. Subindo para a parte emersa da cabina envidraçada, MacNeil se deixou cair, exausto, com o bebê nos braços. «Pensei que ele estava morto», disse Mac. «Então, comecei a soprar em sua boca e a sacudi-lo. Momentos depois, principiou a chorar. Apertei-o contra mim e em breve adormeceu.»

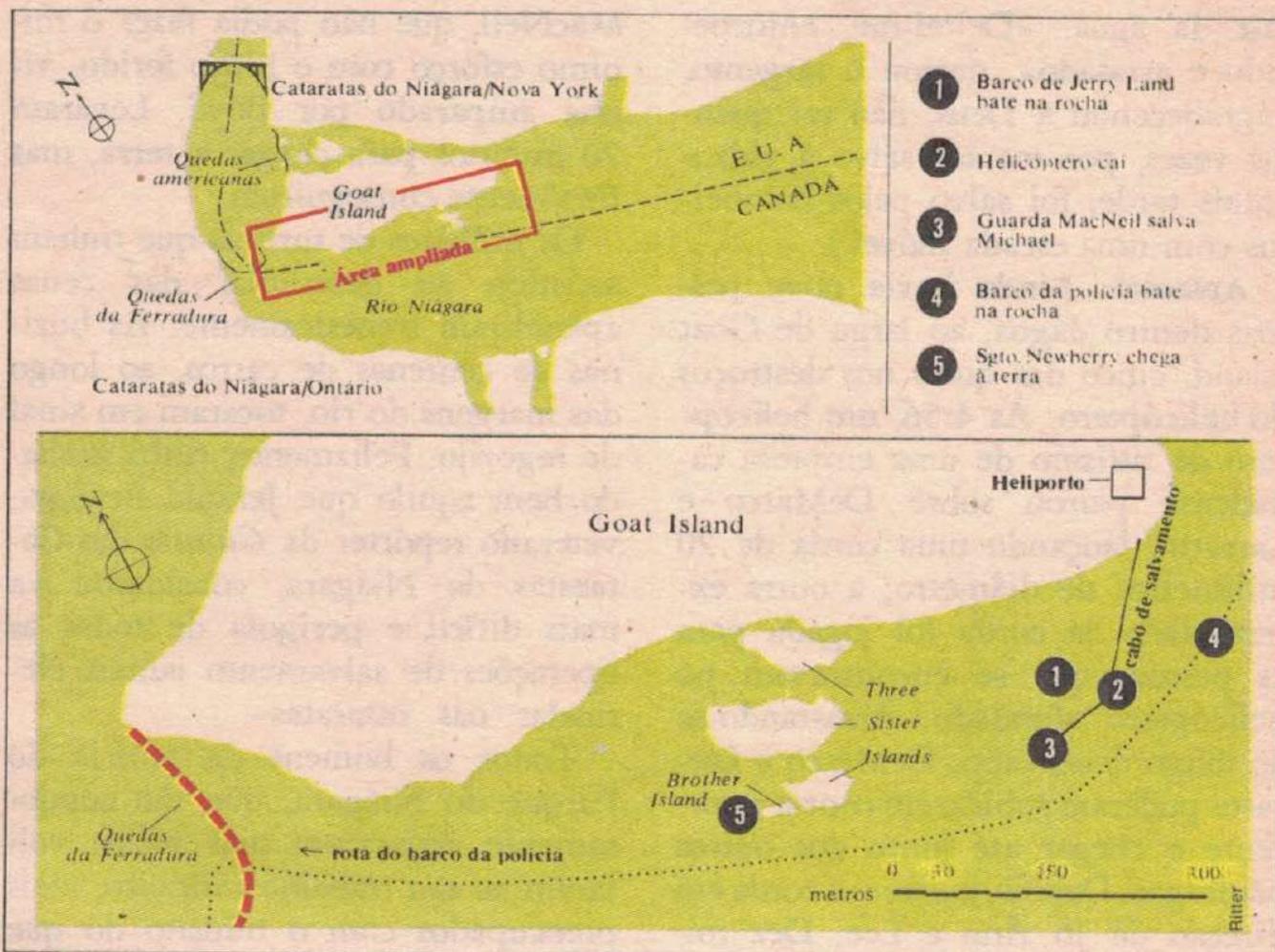
Apesar de tudo, ainda faltava muito para que a operação de salvamento terminasse. Em Goat Island, a polícia dispunha de uma arma lança-cabos. Essa arma dispara uma bala de cerca de 2,5 centímetros de comprimento, amarrada à qual vai uma delgada linha de *nylon*, com uns 180 metros de comprimento. Esta linha serve para puxar um cabo mais grosso, de 12,5 milímetros de diâmetro, que, por sua vez, puxa uma corda de 25 milímetros de diâmetro.

O sargento Lyle Newberry fez um disparo perfeito, e a linha foi cair mesmo em cima do helicóptero, que estava a uns 90 metros, mas, quando

Boyd e Land começaram a puxar por ela, esta se rompeu. Nova tentativa e o disparo foi perfeito como o primeiro. Desta vez, a linha não reben-tou. No entanto, ainda levaria mais de uma hora até que a corda che-gasse ao helicóptero. Enquanto isso, a violência das águas ameaçava des-locar os destroços do aparelho e ar-rastá-los na direção das cataratas. Para piorar, não tinha sido possível fazer chegar até Jo Ann e Lee o cabo que havia rebocado MacNeil e o bebê até os destroços do helicóptero.

«Lá se foi!» A polícia decidiu fazer uma tentativa com sua lancha, de cinco metros e meio, equipada com um motor principal de 110 ca-valos e um motor auxiliar de 10 cava-los, que estava ancorada no rio, a cerca de dois quilômetros acima do local onde se encontravam os naufragos. A lancha da polícia nunca tinha na-vegado até tão perto das cataratas.

Às 4:32 da tarde, com os dois motores trabalhando para ser mano-brada com mais facilidade, a lancha branca da polícia foi sendo levada cautelosamente rio abaixo. Newber-ry ia ao volante, na proa, enquanto o Tenente Joseph DeMarco, coman-dante da Polícia do Parque, e que tinha sido chamado às pressas, pois estava de folga, e o patrulheiro An-thony Larratta se encarregavam dos motores, na popa da embarcação. A menos de 100 metros dos destro-ços do helicóptero, o veio do motor principal se quebrou ao bater numa rocha do fundo, e o motor auxiliar acabou parando também. Lançaram a âncora, mas esta não conseguiu se



prender às pedras. DeMarco e Laratta se lançaram à água e gritaram «Saia daí!» para Newberry, que continuava tentando pôr em funcionamento o motor auxiliar.

Saltando pela borda, o sargento escorregou e não conseguiu se pôr em pé. Em vão, lutava para segurar-se às pedras escorregadias. Já tinha as pontas dos dedos dilaceradas e sangrando; a aliança de casamento foi-lhe arrancada do dedo quando era arrastado pelas revoltas corredieras. A lancha da polícia, já vazia, se encaminhava em direção às Quedas de Horseshoe. O coração do Tenente DeMarco quase parou logo que Newberry desapareceu também. Pensou logo o pior: *Lá se foi!*

Quando Newberry caíra desamparado na água, as presilhas de seu colete salva-vidas haviam se enrolado em volta das pernas, paralisando-lhe os movimentos. Impossibilitado de mexer as pernas, ainda conseguiu aproveitar a direção da correnteza que, naquele ponto, se dirigia para Brother Island, o último pedaço de terra firme antes das pavorosas cataratas. «Eu me encontrava a menos de um metro da ilha, e a correnteza me levava impetuosamente», explicou ele. «Estendi o braço e consegui alcançar uns ramos de arbustos que pendiam sobre mim. Nem sei como fui capaz de agarrá-los!»

Segurando-se aos ramos com ambas as mãos, Newberry conseguiu

sair da água. «Deitei-me, entorpecido e arrasado», narrou o sargento, «agradecendo a Deus, não sei quantas vezes, por me ter salvo a vida.» (Mais tarde, foi salvo pelos bombeiros com uma escada móvel.)

Aplausos. Ainda havia nove pessoas dentro d'água, ao largo de Goat Island, cinco das quais nos destroços do helicóptero. Às 4:56, um helicóptero de turismo de uma empresa canadense pairou sobre DeMarco e Larratta, lançando uma corda de 20 milímetros de diâmetro; a outra extremidade da corda foi jogada para as pessoas que se encontravam no helicóptero afundado. Arrastando-se ao longo desse cabo, DeMarco e Larratta puderam subir o rio contra a corrente e chegar até junto dos outros naufragos. Depois, jogaram a corda em direção de Jo Ann e Lee. Dez minutos depois, estes também já tinham sido rebocados, e MacNeil entregou Michael a sua mãe, que soluçava.

Às 5:31, Boyd e DeMarco completaram a extenuante tarefa de fazer chegar a corda a terra. Só então o grupo de naufragos ficou em condições de ser resgatado sem correr perigo.

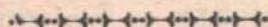
DeMarco, segurando Michael num braço e arrastando-se ao longo da corda com o outro, foi o primeiro a chegar. Atrás dele, veio Jo Ann, amparada por Larratta. Hartman, com a cabeça sangrando, foi o seguinte, vindo depois Lee e Jerry. Por último,

MacNeil, que não podia fazer o mínimo esforço com o braço ferido, vinha amparado por Boyd. Levaram 20 minutos para chegar a terra, mas finalmente conseguiram.

Os milhares de turistas que tinham assistido ao desenrolar das cenas aplaudiram freneticamente. As buzinas de centenas de carros, ao longo das margens do rio, tocaram em sinal de regozijo. Felizmente, tinha acabado bem aquilo que Jerauld Brydges, veterano repórter da *Gazette* das Cataratas do Niágara, considerou «a mais difícil e perigosa de todas as operações de salvamento jamais efetuadas nas cataratas».

Todos os homens da polícia do Parque do Niágara, que tão corajosamente arriscaram suas vidas, voltaram ao seu trabalho rotineiro, mais preocupados com o trânsito do que em tomar parte em aventuras emocionantes. A fim de que futuras operações de salvamento possam resultar mais eficientes, estão sendo feitos esforços para que haja naquela zona um helicóptero equipado com guindaste. Além disso, já foram colocados outros avisos, com letras maiores e mais a montante das Cataratas do Niágara.

Jo Ann apresentou seus agradecimentos aos homens da polícia do Parque do Niágara. A resposta deles foi: «Não tem de quê. Isso faz parte do nosso trabalho — mas, por favor, não faça isso outra vez!»



Você pode atravessar de carro algumas grandes reservas de caça. É uma ótima oportunidade para os animais observarem os seres humanos em seu hábitat natural, o automóvel.

— H. C.